

Um sopro de poder: relações de gênero e poder no conto *A história de uma hora* da escritora Kate Chopin

Maria do Socorro Baptista Barbosa
Thiago Coelho Silveira
UESPI

Resumo: Considerando a importância da literatura dentro do contexto social, esse artigo se propõe a analisar o texto “A história de uma hora” (1894), da escritora estadunidense Kate Chopin, levando em conta a maneira como a autora retrata as relações de gênero e poder na instituição do casamento ao final do século XIX. Fundamentando-se nas teorias de Michel Foucault (1979) sobre a circulação do poder e de Simone de Beauvoir (1970) sobre a questão de gênero, pensa-se mostrar como o texto de Chopin representa o sistema opressor do casamento, que subordina não somente mulheres, tradicionalmente vistas como menores, mas também os homens, em um círculo de circunstâncias no quais ambos os gêneros são inseridos.

Palavras-chave: Poder. Gênero. Casamento.

Abstract: *Considering the importance of literature to the social context, this paper proposes to analyze the text “The story of an Hour” (1894), of the American writer Kate Chopin, taking into account the way the author portrays gender and power relationship in marriage institution by the end of 19th century. Basing on the theories of Michel Foucault (1979) about power circulation and of Simone de Beauvoir (1970) about gender issues, it intends to show how Chopin’s text represents marriage oppressing system, which subordinates not only women, traditionally seen as minors, but also men, in a circle of circumstances in which both genders are inserted.*

Key-words: *Power. Gender. Marriage.*

Introdução

Nenhuma vontade poderosa dobraria a sua própria com aquela persistência cega com a qual homens e mulheres acreditam ter o direito de impor a sua própria vontade sobre a vontade de uma criatura que é seu par.

Kate Chopin

Para a sociedade burguesa ocidental do século XIX, em especial a sociedade estadunidense, mais especificamente a sociedade da cidade de Nova Orleans, no Estado de Lousisiana, antiga colônia francesa, o casamento representava uma das instituições mais tradicionais e seguras, garantia de continuidade da família, das tradições e da propriedade. Embora o romantismo tenha divulgado, através da literatura, a ideia do amor romântico como base para um bom casamento, isso não se concretiza facilmente. Para as famílias de classe média a alta, o casamento não representava somente a união do casal, mas a junção das famílias, cujos interesses tinham de ser preservados, especialmente aqueles ligados à preservação e ampliação do patrimônio familiar a ser herdado e passado para a geração seguinte.

De acordo com Costa (2007, p. 24), o século XVIII marca o início do casamento por amor. Entretanto, mesmo quando o sentimento estava presente, não se podia fugir totalmente dos interesses familiares. Assim, as famílias incentivavam que os jovens, moças e rapazes, se interessassem por pessoas de seu círculo de conhecidos, não aceitando uniões que desfavorecessem os interesses financeiros, culturais e sociais do grupo ao qual pertenciam. Dessa forma, o casamento permanece como um sistema opressor que prende tanto homens como mulheres em uma teia de interesses nem sempre de acordo com os interesses pessoais do casal. Embora a literatura científica a respeito tenha enfatizado nas últimas décadas a situação de opressão vivida pela mulher, é preciso também lembrar que muitos rapazes não estavam livres para escolherem suas esposas, pois era necessário que estas atendessem a certos requisitos impostos pelo círculo social a que estes jovens pertenciam. O histórico familiar, a conduta moral, eram elementos comumente levados em consideração.

Considerando que a literatura não fica ausente do contexto histórico ao qual pertence, pensa-se, neste artigo, trabalhar a relação entre o texto literário e o contexto social da cidade de Nova Orleans ao final do século XIX no que concernem os papéis atribuídos a homens e mulheres pelo casamento, utilizando para isso o texto “A história de uma hora” (1894), da escritora Kate Chopin. Para que esta análise seja feita, é preciso entender um

pouco da vida da própria autora, Kate Chopin, nascida Catherine O'Flaherty, uma mulher criada por mulheres em um momento extremamente centrado no masculino. Segundo Toth (1999, p. xxii), Chopin era “uma mulher corajosa que, um século atrás, foi uma alma solitária, uma personagem forte e resistente, que tinha opiniões, e que ousava e desafiava”¹. Características que vemos surgir em seu texto literário, não se constringendo em abordar uma temática como o casamento, instituição social tão cara às mulheres naquele período.

A seguir, busca-se analisar o texto de Chopin na ótica da relação de poder e opressão que é imposta pelo casamento, embora ele possa ter sido consumado pelo amor que unia o casal. A presença do amor não diminui o caráter opressivo do ato, como é possível ver na atitude da jovem senhora Mallard, discutida adiante.

Kate Chopin: uma mulher além de seu tempo

Nascida em 1850, de família católica de origem francesa, Chopin fica órfã de pai ainda muito jovem. Segundo relatos familiares, desde muito nova a menina era muito curiosa, fazendo perguntas que ou irritavam ou causavam silêncios incômodos em casa. Toth (1999, p. 8) afirma que “Talvez Kate fizesse perguntas insistentes e rudes que enfureciam seu pai (ou aterrorizavam sua mãe). Talvez houvesse cenas de raiva, ou silêncios aterrorizantes”². Tal comportamento faz com que seu pai a envie para um internato católico com apenas cinco anos. Com a morte do pai em um terrível acidente de trem, a jovem Kate passa a ser criada pela mãe, a avó e a bisavó, todas viúvas, sendo, assim, altamente influenciada pela presença feminina. Segundo diz ainda Toth (1999, p. 9-10) sobre Eliza O'Flaherty, mãe de Kate Chopin:

E então, aos vinte e sete anos, ela de repente se viu uma viúva rica, no comando de uma grande propriedade (no valor de US\$ 24.160 em 1861). Viúvas controlavam suas propriedades, como esposas não o faziam; viúvas também tinha o controle legal de seus próprios filhos, como esposas não tinham. E assim o primeiro ato de Eliza como uma jovem viúva foi trazer sua filha Katie para casa. A partir de então, Eliza tomaria todas as decisões

¹ “a courageous woman who, a century ago, was a solitary soul, a tough and resilient character who had opinions and who dared and defied” (nossa tradução).

² “Maybe Kate asked insistent, rude questions that infuriated her father (or horrified her mother). Maybe there were scenes of anger, or terrifying silences” (nossa tradução)

sobre sua filha e para o resto de sua vida, Kate iria lidar com a morte repentina de seu pai, e o que significou para sua mãe.³

Aos vinte anos, 1870, Kate O’Flaherty se casa com Oscar Chopin, de vinte e cinco anos, também franco-católico. Segundo Wyatt (1995, p. 2), “ele adorava sua esposa, admirava sua independência e inteligência, e ‘permitia’ seu anseio de liberdade”⁴. Em 1882, aos trinta e sete anos de idade, Oscar morre de malária, deixando muitos débitos e seis filhos na responsabilidade da jovem esposa, então com trinta e dois anos. Kate passa um tempo com sua mãe, e com a morte desta em 1885, passa a escrever para sustentar a si e aos filhos. É importante frisar aqui que o espaço da escrita não era fácil de ser ocupado por mulheres em muitos países naquele período, a exemplo do Brasil que não reconhecia a mulher como capaz de escrever uma literatura de qualidade. De modo que o fato de Kate, em fins do século XIX, se dedicar à escrita para sustentar sua família, denota sua inserção em campos de presença masculina maciça confirmando a forte personalidade que Toth (1999) descreve a seu respeito.

Não é de estranhar que seus textos falem de mulheres que anseiam por liberdade, que busquem uma identidade independente e autônoma. Cercada por mulheres fortes e independentes, tornando-se também uma pela viuvez, embora já fosse questionadora e desafiadora, Chopin retrata, em seus contos, em especial no conto aqui discutido, a questão do casamento como sistema de opressão masculino que coloca a mulher em segundo plano e a anula enquanto ser humano. Sua origem francesa, e sua religião católica também contribuem para as discussões que suas personagens fazem acerca do casamento, e das relações de poder que essa instituição fortalece.

Casamento, gênero e poder: os breves suspiros de liberdade da Sra. Mallard

A relação entre Literatura e Sociedade, em especial no que diz respeito às relações

³ And then, at twenty-seven, she suddenly found herself a wealthy widow, in charge of a very large estate (valued at \$24,160 in 1861). Widows controlled their property, as wives did not; widows also had legal control of their own children, as wives did not. And so Eliza's first act as a young widow was to bring her daughter Katie home. From then on, Eliza would be the one making decisions about her daughter — and for the rest of her life, Kate would brood about her father's sudden death, and what it meant for her mother. (nossa tradução).

⁴ “he adored his wife, admired her independence and intelligence, and ‘allowed’ her unheard of freedom” (nossa tradução)

de poder e a certas opressões sociais, tem se tornado cada vez mais visível nos estudos acadêmicos. Cada vez mais a literatura tem surgido como objeto de estudo de profissionais das mais diversas áreas, constituindo-se em espaço privilegiado para análise. Como afirma Candido (2010, p. 29), “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre”. Entretanto, é importante frisar que não há correlação direta entre o texto literário e o contexto social, visto que a literatura não se propõe ser uma imitação da vida, mas apenas uma representação. Afinal, cabe ao (à) escritor (a), dentro de sua liberdade enquanto artista, decidir como fará essa representação. Como afirma ainda Candido (2010, p. 22):

Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal.

Nesse sentido, fica claro que as representações, admitindo-se que são plurais, devem ser vistas como uma construção operada pelo autor quando cria sua narrativa ficcional. O que Cândido apontou acima pode também ser percebido nos escritos de Chartier (2002, p. 11) quando argumenta que o conceito de representação:

[...] permite articular três registros de realidade: por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade assim firmada.

Assim é que não se pensa ver o conto de Chopin, “A história de uma hora” (2011), como retrato fiel de sua época, mas apenas como uma possível representação do que seria o casamento no final do século XIX no ponto de vista da autora que, embora possa estar imbuído de um espírito de época congregando elementos de uma determinada realidade, manifesta-se literariamente como uma representação particular criada pela autora para que sua obra atinja os objetivos pensados para ela.

O texto de Chopin é curto e de linguagem bem direta, mas serve como um

intrigante suporte para a análise aqui proposta. Narra uma hora na vida de Louise Mallard, um jovem senhora, que, por ter problemas cardíacos, teve de ser cuidadosamente avisada da morte do marido em um acidente de trem. É interessante notar como Chopin foi habilidosa ao explorar questões de ordem bem complexa para seu tempo, de forma simples e ao mesmo tempo profunda, mostrando como uma única hora na vida de uma pessoa pode ser determinante em seu futuro. O caso da Sra. Mallard constitui-se, desse ponto de vista, como um intrigante ponto de partida para a análise das questões propostas por este texto. O evento ora mencionado é assim narrado:

Foi a irmã, Josephine, que lha contou, com frases quebradas; pistas camufladas que revelavam a verdade, aos poucos. O amigo de seu marido, Richard, estava lá também, próximo a ela. Foi ele que lera, no jornal da secretaria, o nome de Brently Mallard, no topo da lista dos “mortos”, isto é, daqueles que haviam sido vitimados por um acidente acontecido na ferrovia (CHOPIN, 2011, p. 1).

O trecho acima é significativo, pois narra um momento que embora muito cotidiano se pensarmos na história universal da humanidade – afinal, a morte é uma certeza da qual todos possuímos consciência – gera sentimentos, reações a mais diversas. Dor, lamento, sofrimento, luto, ansiedade são elementos sentidos e manifestos por aqueles que perdem seus entes queridos e que encontram lugar na narrativa ficcional de Chopin. O (a) narrador (a) conta que a Sra. Mallard não ouviu a notícia “como a maioria das mulheres costumam a escutá-la, de maneira paralisada, com dificuldades para aceitar o seu significado. Ela chorou, duma só vez e abandonou-se nos braços da irmã. Quando a tempestade de sofrimento esgotou-se, ela foi para o quarto, sozinha” (CHOPIN, 2011, p. 1).

A modernidade tão propagada pela Inglaterra do século XIX, em plena Revolução Industrial, também deixa seu rastro nefasto. De modo que a morte do Sr. Mallard, acontecimento que tem lugar em um acidente de trem, retrata como um dos maiores símbolos do movimento tecnológico que alcançara os Estados Unidos da América, mas que também representava seu desenvolvimento, deixava marcas provavelmente não esperadas por seus criadores (HOBSBAWN, 2009).

Muito triste com a notícia, ela se tranca no quarto do casal, e começa a mirar pela janela. De repente percebe que algo muito importante acaba de lhe acontecer: ela está livre das amarras do casamento. Como ela mesma diz: “Livre! Corpo e alma livres!” (CHOPIN, 2011, p. 3). O que levaria uma mulher, que amava seu marido, a sentir-se livre com sua morte? Para uma mulher, o casamento ao final do século XIX, bem mais que para o seu

companheiro, representava de fato uma prisão na qual a mesma estava, inevitavelmente, subjugada ao poder do marido. Deixava a casa de seu pai onde era a este submetida ou a seus irmãos na ausência daquele para, então, ser colocada sob o domínio de uma nova presença masculina – o esposo. Nesse sentido, quando este artigo traz à tona a temática das relações de gênero e poder queremos nos referir ao fato de que masculino e feminino “são definidos como construções históricas e culturais” (CARDOSO, 2010, p. 12), portanto, lhes são atribuídos sentidos convergentes ou divergentes em diferentes sociedades ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que tais relações emergem como definidora das identidades e experiências dos sujeitos.

É possível perceber como a opressão atua nesse texto desde seu início. A jovem senhora não é nomeada por seu nome de batismo, ela é somente Sra. Mallard. Somente quando descreve a sensação de liberdade que a jovem viúva tem ao perceber que, subitamente, é dona de sua própria vida, é que o (a) narrador (a) diz ao (à) leitor (a) que ela se chama Louise.

Para Foucault (1979, p. 8), o poder não é apenas o ato de mandar, de dizer *não*. Essa visão negativa do poder, muito aceita, seria, na opinião do teórico francês, insustentável. Segundo ele, “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”, ou seja, ter poder é prazeroso tanto para o detentor como para aqueles sob seu mando. Não é por acaso que tiranos se sustentam no poder.

No que concerne ao casamento, desde o princípio da humanidade que o mesmo se constitui em uma relação de poder, na qual o detentor, o masculino, subjugava seu par, o feminino, nas sociedades ocidentais de caráter extremamente patriarcal. Sobre essa relação de dominação, Cardoso (2010, p. 13) acrescenta:

[...] a dominação masculina – relação social e desigual, a respeito da qual é possível compreender as especificidades no âmbito dos sistemas históricos – é estabelecida através de definições e redefinições de papéis e estatutos relativos às mulheres e ao sistema de reprodução social.

E o que se percebe, no conto de Chopin, é que a sociedade estadunidense do século XIX, mais especificamente a sociedade de Nova Orleans, na Louisiana, mantém esse mesmo padrão de opressão. Entretanto, Chopin vai além da questão da opressão feminina: ela retrata, em seu texto, que tal opressão tem duas faces: o opressor é também oprimido

pelas forças sociais que cercam a relação matrimonial, como é possível perceber na epígrafe desse artigo: “homens e mulheres acreditam ter o direito de impor a sua própria vontade sobre a vontade de uma criatura que é seu par” (CHOPIN, 2011, p. 2).

Entendendo, como afirma Beauvoir (1970, p. 9), que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, pode-se afirmar também que “ninguém nasce homem, torna-se homem”, uma vez que cada sociedade exige de seus membros comportamentos específicos que nada, ou quase nada, tem a ver com o fato de serem nascidos do sexo masculino ou feminino. Para Scott (1986, p. 1068),

[...] Não faz muito sentido forçar estas instituições de volta a utilidade funcional no sistema de parentesco, ou argumentar que as relações contemporâneas entre homens e mulheres são artefatos de sistemas de parentesco mais antigos baseados na troca de mulheres. O gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente; é construído também na economia e na política, o que, em nossa sociedade, pelo menos, agora operam em grande parte de forma independente do parentesco.⁵

Scott está correta quando afirma que as relações de gênero vão além das relações de parentesco. No entanto, e a própria autora aponta, as relações de parentesco, em especial o casamento, serviam como normatizações do comportamento feminino inserido no mundo do masculino, como se sua existência estivesse condicionada à eterna baliza do querer e da vontade do homem. No final do século XIX, momento retratado por Chopin, a sociedade estadunidense exigia, como qualquer outra sociedade ocidental, que, dentro da instituição matrimonial, o homem fosse o provedor, aquele que sustenta a família, enquanto que a mulher deveria permanecer em casa, sendo submissa e obediente ao marido. Assim, não surpreende que Louise Mallard tenha se percebido livre com a morte do marido: a viuvez lhe garantia uma troca de papéis, e o poder, que inicialmente pertencia ao marido, passa para suas mãos. Como o (a) narrador (a) afirma: “Não haveria ninguém para viver ao seu lado durante esses anos vindouros; viveria para si mesmo” (CHOPIN, 2011, p. 3), ou seja, a personagem seria dona de si mesma, teria o controle de sua própria vida, não estando mais à mercê das decisões de um homem, um marido, que, no contexto daquela sociedade, muitas vezes era imposto à esposa. Tal cenário, segundo Campos (2010, p. 98),

⁵ [...] It makes little sense to force these institutions back to functional utility in the kinship system, or to argue that contemporary relationships between men and women are artifacts of older kinship systems based on the exchange of women. Gender is constructed through kinship, but not exclusively; it is constructed as well in the economy and the polity, which, in our society at least, now operate largely independently of kinship. (nossa tradução).

[...] ratifica a exclusão da figura feminina de seus papéis sociais, situando-se como coadjuvante numa paisagem fortemente marcada pela atuação e poder do homem em detrimento da fragilidade do sexo feminino, predisposto à vida doméstica.

Na medida em que a personagem se sente livre com a morte do marido, o (a) narrador (a) reforça para seu (sua) leitor (a) o ideal de que o casamento representava a exclusão apontada por Campos. A Sra. Mallard poderia então deixar de ser coadjuvante de sua própria vida para decidir seus caminhos futuros. Embora, como afirma Pinsky (2012), considerasse-se, na época da narrativa, que fazia parte da natureza feminina o casamento, o ato de casar-se, quase sempre por decisão da família, anulava essa natureza, pois a mulher deixava de ser um ser individual para tornar-se a esposa de alguém. Conforme afirma Waelti-Walters (1994, p. 78):

O princípio é levar a mulher ao casamento, e não prepará-la para a vida. Ela assume o mais sério compromisso de sua vida com uma alma pueril. De fato, o ideal é que ela deva ignorar as principais condições daquele compromisso. Entretanto, se ela desviar das obrigações com as quais ela inconscientemente se comprometeu, é claramente apontado que ela é a responsável.⁶

Segundo Foucault (1979, p. 174), “onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui.” No que concerne a relação matrimonial, tradicionalmente quem possui o poder é o masculino, sendo o feminino a ele submetido. A viuvez inverte esse papel, e o poder muda de mãos, passando para as mãos femininas, uma vez que a viúva, na sociedade ocidental do final do século XIX, não era obrigada a casar-se novamente, podendo permanecer sozinha e dona de sua própria vida, de seu corpo, de sua sexualidade.

Essa sexualidade feminina, por muitos séculos entendida como algo pecaminoso, sujo, não era aceita pela sociedade novecentista. O prazer no sexo era prerrogativa masculina, sendo o corpo da mulher apenas o receptáculo do sêmen e o espaço da gestação. Conforme diz Waelti-Walters (1994, p. 185):

Não há igualdade no amor conjugal. O homem possui e a mulher é possuída; o que é um direito para ele é um dever para ela. Subserviente em

⁶ The principle is to lead the woman to marriage and not to prepare her for life. She makes the most serious commitment of her life with a puerile soul. Indeed, the ideal is that she should ignore the principal conditions of that commitment. Yet, if she deviates from the obligations that she has unconsciously shouldered, it is clearly pointed out to her that she is held responsible. (nossa tradução)

sua própria carne, ela chega ao ponto de ter a maternidade imposta contra sua vontade pelo homem, a melhor forma de confiná-la em casa. O esposo pode exercer seus direitos ou abster-se, como a ele agradar. No ultimo caso, a esposa 'desertada' não tem outro recurso senão o adultério clandestino. Mas a mulher que se recusa traz a brutalidade do homem contra ela; frequentemente, nem mesmo a doença o para. Quantas mulheres não reclamam do tratamento abominável recebido de seus maridos porque, doentes ou por terem acabado de dar a luz, elas tentaram esquivar-se de seu 'dever'? Casada com um homem que sofre de satíriase, ou perversão sexual, a mulher deve ainda assim agradá-lo. Os pais dela não ouvem suas queixas, alegando que ela pertence ao marido. E religião também a abandona. No manual do confessor está escrito, aparentemente, que homens fazem o que quiserem com as mulheres, mesmo que isso coloque as vidas delas em risco.⁷

Aliás, para a Igreja Cristã, a única forma aceita de relações sexuais era entre casais heterossexuais, oficialmente casados, e com o objetivo da procriação. É nesse contexto que o conto de Chopin termina com a retomada do poder pelo masculino, e a literal morte do feminino, quando Louise Mallard, descendo a escada com a irmã, percebe a entrada do marido, que não havia estado no acidente de trem. Seu coração não resiste. A última frase do texto, "Quando os médicos chegaram, disseram que ela havia morrido duma doença do coração — o gozo que mata" é bem irônica: é provável que ela não tenha morrido de felicidade, mas de pesar por perceber que seu breve momento de liberdade havia acabado, que ela estava de volta ao poder do marido, que seu corpo e sua vida não mais lhe pertenciam.

Pode-se afirmar então que esse pequeno texto literário é uma representação acerca do casamento no final do século XIX nos Estados Unidos da América, que estabelecia papéis bem claros para as partes envolvidas. Percebe-se que a reação de Louise com relação à morte do marido quebra os padrões estabelecidos, notando a perda como algo positivo não por não amar o marido, mas por entender o casamento como anulação de si mesma. A não morte do marido causa a morte da esposa, que encontra, com o fim da vida, a liberdade tão sonhada e que julgava ter encontrado na viuvez. Assim, pode-se dizer que Chopin busca

⁷ There is no equality in conjugal love. The man possesses and the woman is possessed; what is a right for him is a duty for her. Subservient in her very flesh, she will go so far as to suffer maternity when imposed against her will by the man, the better to confine her to the home. The husband may exercise his rights or abstain, as He pleases. In the case of the latter, the "deserted" wife has no other resource than clandestine adultery. But the woman who refuses brings the brutality of the man upon herself; even illness often does not stop him. How many women do not complain of abominable treatment received from their husbands because, ill or having just given birth, they have tried shirking their "duty"? Married to a man suffering from satyriasis, or sexual perversion, a woman is again supposed to put up with him. Her parents turn a deaf ear to her complaints, saying she belongs to her husband. And religion also abandons her. In the confessor's manuals it is written, apparently, that men may do as they wish with women, even if it endangers their lives. (nossa tradução).

quebrar paradigmas, mostrando, em seu texto, uma representação de uma das mais conhecidas formas de opressão social do mundo ocidental: o casamento.

Considerações Finais

Pelas discussões feitas no decorrer do texto, é possível perceber como a literatura, ao representar a sociedade na qual está inserida, aponta problemas que às vezes a própria sociedade se recusa a ver. Patriarcal, a sociedade estadunidense do final do século XIX retratada no texto parece recusar-se a entender a situação de Louise Mallard e das muitas outras mulheres que tal personagem representa, presas a uma situação aparentemente cômoda e tranquila, já que não precisavam se preocupar com o próprio sustento nem precisavam tomar decisões. Entretanto, tal comodidade não passava de uma prisão disfarçada, pois, se não tinham o poder de decidir também não tinham o direito de expressar a própria opinião.

A fala do médico ao final do texto de Chopin, ao dizer que a jovem esposa morreria de felicidade ao perceber que o marido estava vivo, mostra exatamente o pensamento da sociedade de então. A preocupação da irmã de que a moça pudesse suicidar-se também faz parte do imaginário daquela sociedade: se a mulher era preparada somente para o casamento, a ausência dessa instituição em sua vida poderia deixá-la sem sentido. Pela trajetória das mulheres da família de Chopin percebe-se que não é exatamente assim que a autora entendia a instituição do casamento e a viuvez. Sem querer confundir a autora com sua obra, percebe-se, no conto analisado, que a personagem Louise Mallard teria uma trajetória semelhante, se houvesse permanecido viva.

De acordo com Toth (1999, p. 10), “A história de uma hora” pode ser lida com a história do casamento da mãe da autora, a submissão de uma jovem mulher aos desejos de um outro ser pelos laços matrimoniais. O conto também pode ser lido com uma crítica ao casamento, “como uma instituição que prende a mulher”⁸. No entanto, Louise Mallard não sobrevive. Para tornar seus contos publicáveis, a autora precisa disfarçar a realidade. Toth afirma ainda que “Havia limites para o que editores publicariam, e audiências aceitariam”⁹. Uma narrativa na qual uma esposa infeliz fica subitamente viúva, torna-se rica e vive feliz

⁸ “as an institution that traps women” (nossa tradução).

⁹ “There were limits to what editors would publish, and what audiences would accept.” (nossa tradução).

para sempre teria sido muito radical, muito ameaçadora, nos anos de 1890. Dessa forma, Louise morre. Uma morte que, embora representando o fim de sua tão curta liberdade, pode também ser vista como sua única chance de libertação.

Referências

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. 2010. 535 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2.ed. Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, 1970.

CAMPO, Yáscara Sibelly de Souza. Gênero e educação no século XIX: o ofício da mulher em foco nas fontes históricas. *Imburana*, n. 1, p. 98-105, fev. 2010.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incerteza e inquietude*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.

CHOPIN, Kate. “A história de uma hora”. Postado em 09/02/2011. Disponível em: <http://www.literatura emfoco.com/?p=3919> Acesso em: 26 dez. 2013.

CHOPIN, Kate. “The Story of an Hour” (1894). In. CHOPIN, Kate. *The Awakening and Other Stories*. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 259-261.

COSTA, Gley P. *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HOBBSBAWN, Eric J. *A era das revoluções – 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi. A Era dos Modelos Rígidos. In. PINSKY, Carla Bassanezi;

PEDRO, Joana Maria, org. *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.

SCOTT, Joan W. *Gender: a useful category of historical analysis*. *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, dez. 1986.

TOTH, Emily. *Unveiling Kate Chopin*. Jackson, MS.: University Press of Mississippi, 1999.

WAELTI-WALTERS, Jennifer. *Feminisms of the Belle Époque: A Historical and Literary Anthology*. Lincoln, NE.: University of Nebraska Press, 1994.

WYATT, Neal. *Biography of Kate Chopin*. 1995. Disponível em: <http://www.vcu.edu/engweb/webtexts/hour/katebio.html>. Acesso em: 27 de dezembro de 2013.

Maria do Socorro Baptista Barbosa

Possui graduação em Licenciatura Plena em Português e Inglês pela Universidade Federal do Piauí (1982), mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996) e doutorado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: msbaptista56@hotmail.com

Thiago Coelho Silveira

Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí (2010), especialização em História do Brasil pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo (2013) e mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2013). Atualmente é professor e coordenador do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu e professor efetivo da Prefeitura Municipal de Caxias. E-mail: silveirate@hotmail.com

Recebido em 30 de dezembro de 2013.

Aceito em 30 de abril de 2014.